

KÊNIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA

Esta dissertação está disponível para download no endereço
http://www.etnolinguitica.org/fese:siqueira_2003

ASPECTOS DO SUBSTANTIVO NA LÍNGUA XERENTE

Goiânia

2003

KÊNIA MARA DE FREITAS SIQUEIRA

ASPECTOS DO SUBSTANTIVO NA LÍNGUA XERENTE

Dissertação apresentada, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos, à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, sob a orientação da Profa. Dra. Marita Pôrto Cavalcante.

Goiânia

2003

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas.
Aspectos do substantivo na língua Xerente,
Goiânia, UFG, Faculdade de Letras, 2002.
Dissertação de Mestrado em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marita Pôrto Cavalcante
Orientadora

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier
Membro

Profa. Dra. Maria do Socorro Pimentel da Silva
Membro

Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar
Suplente

Defendida a dissertação em _____/_____/_____.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Marita Pôrto Cavalcante, pela inestimável orientação.

Às Profas. Maria do Socorro Pimentel da Silva e Maria Suelí de Aguiar por valiosas sugestões e participação nas bancas examinadoras.

Aos professores Xerente, principalmente, ao Prof. Domingos Simmã Xerente e sua mulher, a Profa. Gildilene Xerente.

Aos queridos Tiago, Eduardo e Winiston pelas ausências compreendidas.

Romwasku we mātô wi

Wat wa par pibumã.

Uma boa nova

chegou para nós...

SUMÁRIO

Lista de símbolos abreviações	06
Resumo	07
Introdução	09
Capítulo I: O Povo Xerente	12
a) Aspectos históricos	12
b) Aspectos sócio culturais	15
c) Aspectos sociolingüísticos	17
Capítulo II: Fundamentos teóricos e Procedimentos metodológicos	21
Capítulo III: A análise dos dados.....	27
a) A expressão de posse e o substantivo Xerente	27
b) A estrutura do substantivo Xerente	34
Considerações Finais	42
Referências Bibliográficas.....	46
Anexos	50

SÍMBOLOS E ABREVIACÕES

1	primeira pessoa do singular
2	segunda pessoa do singular
3	terceira pessoa do singular
1pl.	primeira pessoa do plural
*	indica posição preenchida pelo prefixo marcador da posse.

As abreviações utilizadas são, em geral, transparentes e ocasionais, explicando-se pelo contexto em que aparecem. São elas:

AG	agente da ação
AUM	aumentativo
DIM	diminutivo
MOD	modificador
MP	marcador da posse
NOM	nominalizador
SA	substantivo alienável
SI	substantivo inalienável

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever a expressão de posse e a estrutura do substantivo Xerente. O primeiro aspecto leva a uma classificação do substantivo Xerente em dois grupos básicos: os inalienáveis (ou obrigatoriamente possuídos) e os alienáveis (ou não obrigatoriamente possuídos). O segundo aspecto leva à identificação de prefixos, sufixos, raízes livres e presas para o substantivo Xerente. A descrição é de cunho estruturalista e o *corpus* foi formado por dados coletados na aldeia Vão Grande, no Estado do Tocantins e por dados retirados de Krieger e Krieger (1994).

ABSTRACT

In this study we aim to describe possession and noun structure in Xerente. The first aspect leads to a two group classification for Xerente nouns that is divided in two groups: inalienable and alienable ones. The second aspect allows us to identify prefixes, suffixes, free and bound base forms for Xerente nouns. Structuralism is the background for our analysis and our corpus contains data collected in Vão Grande, an Indian settlement in the state of Tocantins, as well as data taken from Krieger and Krieger (1994).

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo descrever a estrutura do substantivo Xerente, tendo como referência a descrição do substantivo Xavante, proposta por Hall; McLeod; Mitchell (1987), línguas estas pertencentes à família Jê do tronco lingüístico Macro-Jê. Esclarecemos, contudo, que nosso trabalho não tem por objetivo principal uma comparação entre Xavante e Xerente, e que a primeira será usada essencialmente como ponto de partida para nossa análise.

A opção pela língua Xerente deveu-se, sobretudo, a alguns contatos que tivemos com índios Xerente, estudantes da escola agrícola de Urutaí nos anos 1999 e 2000, cujas informações sobre a língua Xerente despertaram nosso interesse em realizar um estudo sobre essa língua.

O local escolhido para desenvolver a pesquisa foi a aldeia Vão Grande (“Nrôte Wdê hu”, em Xerente), por sugestão dos próprios Xerente, em reunião que realizamos com os professores Xerente, quando atuávamos como consultora de Língua Portuguesa no Projeto de Formação para Professores Indígenas do Estado do Tocantins. Conforme opinião desses professores, a pesquisa deveria ser feita entre os habitantes da aldeia Vão Grande, pois esta localiza-se a uma distância considerável da cidade de Tocantínia, o que dificulta contatos freqüentes entre os Xerente e falantes do português. Outro motivo levantado pelos professores refere-se ao fato de que a aldeia em questão constitui-se, além das crianças, de uma população adulta,

em sua maioria, de faixa etária superior a trinta anos. Este fator, segundo os professores, é importante para o conhecimento das palavras mais antigas e também para o uso de uma língua em situações mais formais, como eventos religiosos, pinturas, festas.

A coleta de dados foi feita na própria aldeia e durante os cursos do "Projeto de Formação" já mencionados. Serviram de informantes os próprios professores indígenas que participavam do Projeto, em dois momentos: em dezembro de 2001 em Tocantinópolis, e em julho de 2002, em Paraíso do Tocantins, entre esses podemos citar os professores Edmilson, Joana da aldeia Porteira, Hirêki, da aldeia Recanto da Água Fria e João da aldeia Funil. Na aldeia Vão Grande contamos com o apoio do cacique Isaque Simmãkru, e com a participação efetiva do professor Domingos Simmã Xerente. Utilizamos também dados gravados em Goiânia pela Profa. Marita Pôrto Cavalcante em maio de 1995, fornecidos por dois Xerente da aldeia Vão Grande: Manuel e Vitorino. Consultamos ainda o Dicionário Escolar Xerente - Português, Português - Xerente", organizado por Wanda B. Krieger e Guenther Krieger (1994), para complementação dos dados. E a descrição da estrutura do substantivo na língua Xavante, que subsidiou a comparação entre os substantivos Xerente e Xavante, teve como fonte o "Pequeno Dicionário Xavante - Português, Português - Xavante" de Joan Hall, Ruth A. McLeod e Valerie Mitchell (1987).

O quadro teórico que norteia nossa análise do substantivo Xerente é o da lingüística descritiva, sobretudo no sentido de analisar o substantivo nessa língua para identificar os morfemas que o constituem, quanto à sua forma e função.

Convém esclarecer que optamos pelo uso do termo substantivo e não do termo nome para evitar possível ambigüidade. Para alguns, como, por exemplo, Câmara Júnior. (2000), o termo nome abrange tanto o substantivo

quanto o adjetivo, e para outros, entre eles Rosa (2000), por exemplo, nome se refere apenas ao substantivo. O presente trabalho não incluirá a descrição do adjetivo.

Este trabalho se divide em três capítulos além da Introdução e das Considerações Finais. No primeiro capítulo, enumeramos alguns dados importantes para a compreensão da situação do povo Xerente, a história conhecida desse povo, sua cultura, a relação língua e organização sociopolítica, sua maneira de ver o mundo, sua relação com a natureza e com o mundo dito civilizado. No segundo capítulo, apresentamos os principais fundamentos teóricos que nos serviram de base e os procedimentos metodológicos utilizados. O terceiro capítulo traz a análise dos dados que compreende a consideração da expressão de posse no Xerente e a descrição da estrutura do substantivo nessa língua.

Passemos a seguir ao primeiro capítulo deste trabalho, capítulo que se acha dividido em três tópicos: aspectos históricos, aspectos socioculturais e aspectos sociolingüísticos do povo Xerente.

Capítulo I

O povo Xerente

a) Aspectos históricos

Os Xerente se auto-denominam Akwen, o mais notável, o que está acima, gente, índio. Habitam duas áreas demarcadas pelo Estado brasileiro, como território de posse. Essa demarcação concede o direito somente ao usufruto da terra e não à propriedade plena dos bens imóveis (Constituição de 1967 e Ato Institucional n.º 1).

Segundo Souza Filho (2000), a primeira área, denominada Terra Indígena Xerente foi demarcada em 1972 e abrange 167.542 hectares. Isto depois de um processo conflituoso de desintrusão de colonos brasileiros. A segunda área é contígua à primeira, constitui a Terra Indígena Funil, demarcada em 1988, configurando 16.000 hectares.

Essas duas áreas localizam-se à margem direita do Rio Tocantins, próximas à cidade de Tocantínia, que por sua vez localiza-se ao norte de Palmas, capital do Estado do Tocantins, na região do médio Tocantins.

Sobre essas duas áreas demarcadas, encontram-se diversas aldeias dos Xerente, aproximadamente 37 aldeias, dados de Souza Filho (2000). Essas aldeias localizam-se em terras que também servem de vias de acesso entre municípios do Estado, o que faz com que haja uma forte pressão por

parte das autoridades dos municípios para que os Xerente aceitem a pavimentação das estradas que cortam seu território.

Sobre a separação entre Xavante e Xerente, os estudos não oferecem uma nítida distinção entre Xerente e Xavante, outro grupo indígena da família Jê. De acordo com Rocha (1998), esses povos eram habitantes de uma mesma região, porém em aldeias diferenciadas.

Para Nimuendaju (1942) apud Grillo (1996), houve uma cisão entre os dois grupos, que falavam essencialmente a mesma língua e tinham costumes comuns, distinguindo-se apenas no sentido político e espacial. Em 1850, os Xavante teriam se dirigido para o oeste, atravessando o Araguaia, enquanto os Xerente permaneceram definitivamente em ambas as margens do Rio Tocantins. A partir de 1859, as citações fazem distinção entre os dois grupos, Xavante e Xerente.

Há, entretanto, relatos diferentes que oferecem versões diferenciadas para a cisão entre Xerente e Xavante. Ribeiro (1982), por exemplo, atribui às constantes situações de contato interétnico com não – indígenas, por parte dos Xerente, a divisão entre os dois grupos. O termo Xavante identificou um grupo que, em 1824, migrou da bacia do Tocantins para os campos das Mortes, em Mato Grosso. E o Xerente, grupo que se fixou na margem direita do Tocantins, revelou mais disposição para conviver com os “civilizados” (grifo nosso).

A respeito da separação entre Xerente e Xavante, o cacique Izaque Simmãkru Xerente contou-nos uma lenda interessante que explica, no plano mitológico, a divisão entre esses dois grupos.

Segundo o cacique Izaque, Xerente e Xavante eram uma coisa só, viviam todos espalhados por muitas aldeias, falavam uma língua só e tinham entre si costumes muito semelhantes. Havia, naquela época, um fazendeiro dono de largas terras e criador de muitas cabeças de gado. Esse fazendeiro,

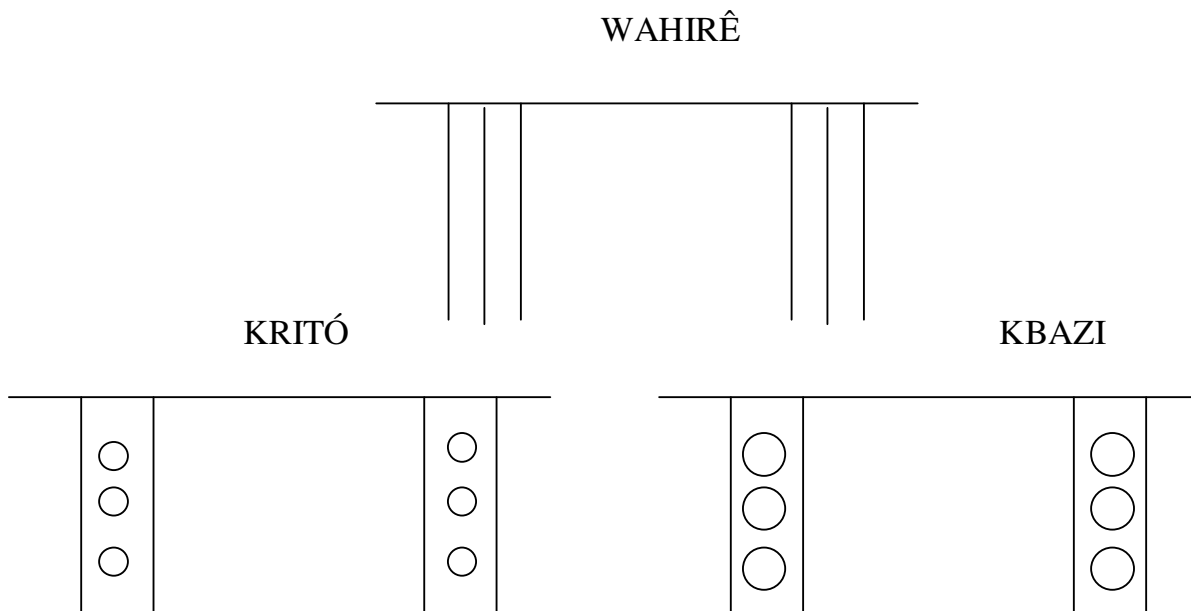
sob o pretexto de selar a paz, ofereceu aos índios uma enorme festa, com muita bebida e muita comida. Os índios se embebedaram em tanta fartura, mas num determinado momento da festa os “brancos” começaram a atirar nos índios e estes, muito assustados pelo ataque inesperado, fugiram dali, às turbas. Desorientados chegaram a um rio imenso, mas raso (o Araguaia). Empreenderam então, a travessia do rio, mas antes de atravessá-lo totalmente, bem no meio do rio, surgiu um bicho enorme, gigantesco até, o boto. Os índios ficaram apavorados. Muitos voltaram, os Xerente; e muitos conseguiram atingir a outra banda do rio, os Xavante.

Assim consolidou-se a famigerada separação entre os Akwen e os Auwen, Xerente e Xavante, respectivamente.

A lenda, portanto, não menciona uma cisão política entre os dois grupos, mas atribui ao sobrenatural o motivo da divisão que resultou na diferenciação da cultura desses dois grupos. Hoje, dois povos com línguas, costumes e cosmovisão distintas.

Dados fornecidos por Grillo (1996) fazem referência a um processo de redução populacional dos Xerente, decorrente da expansão da frente colonizadora nacional e seu caráter importante de conquista de território e dominação social. Já bastante reduzidos populacionalmente, os Xerente somavam 4000 pessoas em 1824; em 1890 eram 1360; em 1929, 800; reduzidos a 350 pessoas em 1957. Em 2000, conforme dados do Instituto Sócio-Histórico, os Xerente contam com 1814 pessoas, mas dados não oficiais da Associação Indígena Xerente de Tocantínia estimam uma população acima de 2000 pessoas.

Ribeiro (1983) revela que esses índios viveram na região do Tocantins sob constantes ameaças da população sertaneja que invadia os campos de caça desse povo indígena. Assim os Xerente viveram, sob ameaças, até a demarcação de suas terras, já citada.



Ainda sobre a organização política, pode-se constatar que o cargo de chefia não é vitalício; essa tarefa cabe ao líder que tiver mais partidários ou que for bastante astuto para aproveitar em seu favor a rivalidade entre os clãs. É comum que o líder pertença à facção mais poderosa da aldeia.

Para Farias (1990), a compreensão da sociedade Xerente contemporânea depende do estudo das relações entre as diversas aldeias (número em torno de 37 aldeias) espalhadas pelo território Xerente. As relações sociais e cerimoniais existentes entre grupos de aldeias são responsáveis por evidenciar a coesão estrutural, responsável pela unicidade de sua organização social.

Quanto à disposição espacial das aldeias, os Xerente as organizam em linhas ou círculos.

A aldeia Vão Grande, local onde foi realizada parte desta pesquisa, localiza-se às margens do Ribeirão Nrôte Wdê hu ‘muitos pés de naja’, 30 quilômetros ao norte de Tocantínia. Possui acesso fácil, cuja estrada, segundo

seus moradores, foi aberta a machado pelos próprios índios, mesmo assim é uma estrada que oferece boas condições de rodagem.

É uma aldeia relativamente pequena, com aproximadamente 32 pessoas, constituindo 06 famílias, em 06 casas. Essas casas, em sua maioria, têm cobertura de palha de buriti, mas não são de alvenaria como em outras aldeias. O interior é dividido em 01 quarto maior, uma sala e dois cômodos menores (quartos). O fogão fica fora da casa, numa espécie de extensão (puxado).

A distribuição das casas forma um semicírculo, à semelhança das demais aldeias.

A aldeia conta ainda com uma escola que funciona num rancho aberto (sem paredes) coberto de palha. Encontra-se, porém, em fase de construção uma outra escola, maior, de alvenaria e com dependência para materiais didáticos, sanitários, além de uma ampla sala de aula.

Domingos Simmã Xerente é o professor da aldeia. Muito há que agradecê-lo pelas horas e horas de entrevista, nas quais sempre se mostrou disposto, prestativo e muito interessado na pesquisa.

O professor Domingos participa do Projeto de Formação para Professores Indígenas do Tocantins, é bilíngüe e procura alfabetizar seus alunos, primeiramente em Xerente, seguindo-se a alfabetização em português, como é consensual em Educação Indígena.

A liderança na aldeia cabe ao Cacique Izaque Simmãkru Xerente, cujo clã constitui a maioria masculina dos moradores.

c) Aspectos sociolingüísticos

No Brasil, são ainda recentes pesquisas sobre o contato das línguas indígenas com a língua portuguesa. Alguns estudos têm se intensificado,

fornecendo uma visão da situação sociolingüística dos povos indígenas brasileiros. Entre essas pesquisas encontram-se os trabalhos de Braggio (1992 e 2000), Pimentel da Silva (1999 e 2001), Grillo (1996) e Souza Filho (2000).

A situação sociolingüística de uma comunidade fornece elementos sobre sua situação sociocultural. Conhecendo essa situação, tem-se uma visão mais clara sobre uma dada língua, se está mantendo-se viva e dinâmica ou se está morrendo, sendo perdida.

Muitos fatores podem assegurar a manutenção de uma língua e esses mesmos fatores podem causar seu deslocamento, a saber: tamanho do grupo, concentração geográfica, isolamento, mobilidade social, religião, atitudes do grupo com relação à própria língua, políticas e leis governamentais, letramento entre tantas.

A escola pode ser também um espaço cuja interlocução teria condições de garantir à criança a reflexão sobre sua realidade, fator importante de manutenção da língua indígena e contribuição que a escola pode oferecer à criança índia.

Conforme Braggio (2000), podemos enumerar alguns fatores referentes à situação sociolingüística dos Xerente, cujas características são as seguintes: são observados mais casos de crianças que têm as duas línguas (português e Xerente) como primeira língua; a população de 19 anos em diante, apresenta grande número de iletrados, principalmente entre mulheres; também entre os mais velhos é comum encontrar pessoas que não falam português, mas tanto homens como mulheres apontam ambas as línguas para alfabetização. Outro dado importante mostrado por Braggio op. cit., diz respeito aos casamentos mistos muito freqüentes. Quanto aos empréstimos e mudanças de código, a autora aponta uma situação em que muitos deles não passam pela fonologia / morfologia da língua Xerente.

Entretanto, pudemos verificar que na aldeia Vão Grande a situação sociolingüística, aqui apenas esboçada, difere um pouco do que é relatado em outros estudos, uma vez que na aldeia, há um domínio maior de usos do Xerente, seja entre os adultos, seja entre as crianças, ou ainda entre adultos e crianças.

Entre os moradores, nem todos os adultos são bilíngües e as crianças menores não, ou pelo menos ainda não se valem do português para se expressarem. No entanto, por diversas vezes demonstram compreender o que está sendo dito em português.

De acordo com o professor Domingos, elas chegam à escola na condição de monolíngües e só então inicia-se o processo de aquisição de segunda língua. Os pais não falam com os filhos em português e há, entre os adultos, uma preferência pelo Xerente. As crianças interagem usando apenas a língua Xerente. A interlocução com falantes do português é mediada pelos pais.

Segundo o Prof. Domingos, na escola toda instrução é feita na língua materna isto é, utilizam o Xerente como língua de instrução oral.

Nessa aldeia, alguns adultos não se expressam em português, os contatos que realizamos foram mediados pela Profa. Gildilene, que também participa do Projeto de Formação para Professores Indígenas do Tocantins. Ela é mulher do Prof. Domingos e tem cinco filhos.

A língua Xerente está presente nas brincadeiras, nas atividades domésticas, nas festas, no espaço da intimidade.

O diálogo em português, com as crianças maiores, já bilíngües, é facilitado, inclusive, pelos pais. Isso se deve, é provável, à relativa distância entre a aldeia e a cidade de Tocantínia. Os contatos com falantes do português são esparsos e se restringem principalmente a contatos com o cacique Izaque, os professores Domingos e Gildilene e o outro filho do cacique que trabalha

como motorista do único veículo que a aldeia possui, uma camioneta. Os demais não vão à cidade com frequência, o que restringe bastante os contatos com falantes do português.

Ainda que não estejam no escopo deste trabalho, essas informações ocupam um lugar importante para que possamos entender a visão da sociedade Xerente e a partir desse pequeno conjunto de informações iniciar a análise do substantivo Xerente, evidenciando a relação de posse, tão peculiar na língua Xerente, que constitui elementos basilares da estrutura do substantivo, agrupando-os em inalienáveis e alienáveis como veremos no capítulo três. A seguir, no capítulo dois, apresentamos os fundamentos teóricos com os quais nos embasamos para proceder nossa análise, bem como os procedimentos metodológicos seguidos neste trabalho.

Capítulo II

Fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos

Fundamentos teóricos

Não cabe no escopo deste trabalho traçar o itinerário completo da Lingüística Estrutural de Ferdinand Saussure, Lingüística Estrutural Européia e a vertente Norte-americana do estruturalismo com Edward Sapir ou Leonard Bloomfield. Convém apenas indicar em linhas gerais, as noções básicas da proposta estruturalista para o estudo da morfologia, ou estudo da estrutura do vocábulo.

A premissa básica deste trabalho apoia-se nos conceitos dos estruturalistas norte-americanos de morfe, de morfema e de alomorfe. Excluimos, portanto, trabalhar com o conceito de palavra, visto não ser um termo científico, mas um termo emprestado da linguagem cotidiana que apresenta grande variedade de sentidos, dificultando uma definição mais rigorosa.

A palavra, também, nem sempre é uma unidade de sentido indivisível, sendo constituída, de modo geral, por unidades significativas menores. É a estas unidades ou formas mínimas portadoras de significado que este trabalho dedica sua atenção. Trata-se, portanto, de uma descrição nos moldes da Morfologia Estrutural.

Foram os estruturalistas bloomfieldianos que mais estudaram e buscaram descrever e classificar os vários tipos de morfema.

Há na lingüística bloomfieldiana, a distinção entre morfema e morfe, sendo aquele uma unidade formal da língua, disponível no sistema e este (o morfe) a realização do morfema na concretude substancial da fala. Os morfes que pertencem a um mesmo morfema, isto é, que são variantes de um mesmo morfema são denominados alomorfes.

Recorrendo ainda a Leonard Bloomfield (1933) apud Câmara Júnior (2000, p. 70), podemos ainda depreender duas espécies de unidades formais numa língua: formas livres e formas presas. As primeiras constituem unidades que podem funcionar isoladamente e as segundas, que só funcionam ligadas a outras.

Segundo Câmara Jr. op. cit, a essas duas formas livres e presas, acrescenta-se o conceito de forma dependente:

Uma forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação eficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se distinguir da forma livre a que se acha ligada: de um lado, entre ela e essa forma livre pode-se intercalar uma, duas ou mais formas (...)

A delimitação do substantivo Xerente levará em conta esses aspectos morfológicos para descrever sua estrutura.

Um morfema pode ser uma palavra inteira ou parte de uma palavra, mas não deve ser confundido com ela, que é, segundo Bloomfield, “uma forma livre mínima”, isto é, a menor unidade que pode ser falada sozinha.

O procedimento para identificação dos morfemas é, segundo Elson e Pickett (1978, p. 18, 19),

um processo de substituição e comparação de porções recorrentes. Comparam-se dois ou mais enunciados parcialmente semelhantes, mas parcialmente diferentes. Se as partes têm o mesmo significado, elas são porções recorrentes. Estas porções são um ponto de referência que nos permite comparar as partes diferentes.

Prosseguindo com essa base teórica, serão considerados os conceitos de raiz e afixos. Raiz é o núcleo de uma forma, e pode ser forma livre ou presa. Já os afixos são morfemas presos que, ocorrendo com as raízes podem modificar o significado básico da raiz. Os afixos podem, em relação à raiz, vir preposicionados, *prefixos*, posposicionados, *suffixos*, ou ainda podem ocorrer “dentro” da própria raiz, *infixos*.

Para exemplificarmos as várias noções acima tomemos um enunciado qualquer da língua portuguesa, como vem a seguir:

“Os gatinhos inquietos pularam dos braços dos rapazes.”

Podemos identificar aí, por exemplo:

- a) -s (em braços) – morfema de número plural
- b) -s e -es (em braços e rapazes) – alomorfes do morfema de plural do português.
- c) gatinhos – forma livre
- d) gat- (em gatinho) – forma presa.
- e) de (em de + os) – forma dependente.
- f) gat- (em gatinhos) – raiz
- g) in- (em inquieto) – prefixo
- h) -inh, -o, -s (em gatinhos) – sufixos

Resta ainda elucidarmos os conceitos de alienável e inalienável, úteis para a descrição do substantivo Xerente, em relação à categoria de posse, uma vez que essa língua, assim como outras do tronco Macro – Jê (Krahô, Xavante, Kaingang, Apinajé, Bororo etc.), apresenta tais relações marcadas por elemento prefixal indicador da posse.

Segundo Crystal (2000, p. 22), o termo alienável é:

Usado em análise gramatical com referência a um tipo de relação possessiva formalmente marcado em algumas línguas, como o chinês. Quando o item possuído só tem uma dependência temporária ou não essencial com o possuidor, ele é ‘alienável’, ao passo que, se a relação com o possuidor for permanente e necessária ele é inalienável.

Já Dubois et al. (1998, p. 394), *ressalta que a relação entre um substantivo e seu complemento indica uma posse inalienável (não-alienável) quando o componente [...] constitui o todo de que o substantivo de base é uma parte.*

Por exemplo, em Xerente lkrã, ‘minha cabeça’: constitui-se de I – afixo indicador da posse da primeira pessoa e krã ‘cabeça’, parte do corpo, portanto, inalienável.

Assim, as partes do corpo constituem substantivos inalienáveis. Em contraposição, os substantivos que não comportam essa relação gramatical com o possuidor são alienáveis, ou seja, a posse alienável traduz a ligação contingente entre um item possuído e seu possuidor, como no exemplo a seguir: inimsikuza ‘minha roupa’, em que sikuza ‘roupa’ pode ou não ser possuído isto é, pode ser alienado.

Para Nichols (1988), a idéia básica contida nos termos, *alienável* e *inalienável*, é clara: posse inalienável é inata, inerente, não conferida por compra; alienável é, grosso modo, posse conferida social e economicamente, mas estes termos são usados para referir-se a fenômenos bem diferentes. Assim o termo inalienável é usado para definir um grupo fechado de substantivos limitados que não podem ser usados sem o marcador de posse, portanto, define um tipo de estrutura pura, propriedade puramente formal.

Nichols refere-se, ainda, a outra função destes substantivos limitados e os define como “inalienavelmente possuídos” como no exemplo: “minha pele” significa a pele sobre o próprio corpo ou “minha perna” significa minha parte do meu corpo. Pode contudo, ocorrer um uso secundário

menos comum a saber: “minha pele de vaca” ou “meu espetinho (de peru) (que estou comendo)”.

Ainda conforme Nichols (1988), os termos alienável e inalienável são padronizados e comuns na descrição das línguas da América do Norte e Pacífico e seus equivalentes russos são padronizados nas gramáticas soviéticas. Alguns documentam estas oposições sem proporem termos.

Ao analisar possíveis afinidades gramaticais e semânticas entre morfemas na língua Kariri (já extinta) e línguas do tronco Macro-Jê, provavelmente cognatos, usados em certos nomes possíveis, Ribeiro (2002) usa o termo “marcador de posse alienável”.

Para a descrição que se propõe aqui, o termo adotado é o de ‘marcador de posse’ (doravante MP), usado tipicamente na forma de um caso genitivo como i- no exemplo: ĩkra, ‘meu filho’.

Apresentamos a seguir os procedimentos metodológicos utilizados por nós.

O *corpus* que serviu de base para a descrição do substantivo Xerente neste trabalho foi constituído a partir de dados colhidos na aldeia Vão Grande e durante os cursos de formação de professores indígenas no estado do Tocantins, ambos já citados na introdução. Utilizamos também dados extraídos de conversas informais com os professores Xerente e até mesmo alguns apontamentos feitos por eles, durante as aulas do curso de formação citado. Selecionamos alguns dados gravados *in loco*, em maio de 2002. Esses dados foram gravados em fita cassete e foram sendo transcritos simultaneamente às gravações com auxílio do professor Domingos, num total de oito horas. Algumas dúvidas eventuais foram sanadas com consultas a Krieger e Krieger (1994).

A grafia dos dados foi feita de acordo com a escrita padrão *Xerente*, ou seja, a que segue a grafia proposta por Krieger e Krieger op. cit., que está no Anexo A deste trabalho.

A apresentação dos exemplos será feita indicando-se o item lexical e sua tradução e, quando necessário, isto é, quando o item lexical contiver dois ou mais morfemas, será apresentado entre parênteses, na forma glosada, segmentado assim nos seus vários morfemes, para usar o termo mais geral.

Exemplos:

- a) kuba ‘barco’
- b) kubarê ‘barquinho’ (kuba ‘barco’ + -rê ‘DM’)¹
- c) dadi ‘ventre, barriga humana’ (da- ‘HUM’ + di ‘barriga’)
- d) inimsika ‘minha galinha’ (‘i- ‘1’ + nim- ‘MP’ + sika ‘galinha’)²

No próximo capítulo apresentaremos, em dois itens a análise da estrutura do substantivo *Xerente*. No item A, procederemos a análise da expressão de posse e no item B, a estrutura dos substantivos.

¹ – Ver lista de abreviaturas.

² – Embora Ribeiro (2002, p.12), separe o n – do morfema de posse nim – (1ª pessoa) e o s – do morfema de posse sim – (3ª pessoa) optamos por não separá-los, sobretudo por falta de maiores evidências.

Capítulo III

Análise dos dados

A análise dos dados compreenderá dois aspectos, conforme já dissemos, a expressão de posse no substantivo Xerente e a descrição da estrutura do substantivo, depreendendo os morfemas que o constituem.

A. A expressão de posse no substantivo Xerente.

Antes de tratarmos da expressão de posse no substantivo Xerente, consideraremos esse fenômeno na língua Xavante, por ter sido tratado, com razoável detalhamento por Hall et al.¹ (1987) e principalmente por ser o Xavante, uma língua muito próxima ao Xerente o que será de grande utilidade para nossa análise.

Segundo os referidos autores (op. cit., p. 9), os substantivos em Xavante podem ser divididos em três tipos, tendo-se por parâmetro a expressão de posse: “*os que têm de ser possuídos, os que não podem ser possuídos e aqueles que podem ou não ser possuídos*”.

Reproduzimos a seguir, os dois quadros com os quais os autores explicam e exemplificam esses substantivos (op. cit., p. 408 e 409):

¹ – A indicação bibliográfica é, na verdade, HALL, J.; McLEOD, R.; MITCHELL, V. mas, para simplificarmos, usaremos doravante apenas Hall et al. no corpo do trabalho.

Quadro 1. Substantivos obrigatoriamente possuídos. Substantivos desta classe são prefixos com indicadores de pessoa.

<i>iimaama</i>	“meu pai”
<i>aimaama</i>	“seu pai”
<i>imaama</i>	“pai dele”
<i>waamaama</i>	“nosso pai”
<i>timaama</i>	“próprio pai”
<i>damaama</i>	“pai de alguém”

Note-se: O prefixo *t̃i-* emprega-se somente nos casos em que a ação está realizada a respeito da própria posse do ator.

Ex:

Timama, ma tô tsabu. “Ele viu o próprio pai”.

Imama, ma tô tsabu. “Ele viu o pai dele (pai de outra pessoa).”

Quadro 2. Substantivos opcionalmente possuídos. Substantivos desta classe, quando possuídos, são prefixados com os mesmos indicadores de pessoa que os da classe 1 acima, mais o afixo *-nhib-*.

<i>iinhib' apito</i>	“meu capitão”
<i>atstsib' apito</i>	“seu capitão”
<i>itsib' apito</i>	“capitão dele”
<i>waanhib' apito</i>	“nosso capitão”
<i>tinhib' apito</i>	“próprio capitão dele”
<i>danhib' apito</i>	“capitão de alguém/do povo”

Note-se:

1. A forma *-nhib-* sofre modificações fonéticas automáticas e regulares.
2. V. nota sobre o prefixo *ti-* no quadro 1 acima.

A seguir consideraremos a expressão de posse no substantivo Xerente.

Os exemplos do nosso *corpus* indicam, como veremos, a categoria de posse inerente aos substantivos inalienáveis, doravante SI, (os “obrigatoriamente possuídos” para Hall et al.).

Na língua Xerente, esses substantivos formam um conjunto fechado, pequeno em relação aos substantivos que levam o marcador de posse alienável.

Os SI em Xerente referem-se a partes do corpo, a relações familiares e a outras relações entre o substantivo e sua referência, não necessariamente aspectos de humanidade, como *² *zâ* ‘semente’, * *hâ* ‘casa’, * *bâ* ‘cauda’, * *nirnã* ‘flor’, * *nrõwa* ‘lar’.

Os marcadores da posse inalienável são morfemas prefixados e têm função pronominal indicadora do possuidor (Krieger e Krieger (1994)). São eles: *i-* 1ª pessoa do singular (1) como possuidor, *ai-* 2ª pessoa do singular (2) como possuidor, *wa* – 1ª pessoa do plural (1pl) ou dual como possuidor. O pronome *da-* ocorre com substantivos inalienáveis e indica a posse pela 3ª pessoa honorífica³ ou 3ª pessoa coletiva como possuidor (3).

Considerando os exemplos de Hall et al. (1987): **ai’ rã**, “sua cabeça”, **i’ rã** “a cabeça dele”, **da’ rã** “a cabeça de alguém”, podemos

² - * indica posição preenchida pelo morfema marcador da posse, para seguir o procedimento de Krieger e Krieger (1994).

³ – Honorífico – termo usado na análise gramatical de algumas línguas [...] para indicar distinções Sintáticas e Morfológicas utilizadas para exprimir níveis de polidez e respeito.(CRYSTAL 2000, p 141).

observar que entre as duas línguas, Xerente e Xavante, há uma correspondência aproximada em relação aos marcadores da posse inalienável (“os que têm que ser possuídos”).

Temos uma estrutura que configura a expressão de posse no substantivo Xerente, assim especificada:

1. Substantivos inalienáveis (obrigatoriamente possuídos para Hall et al. (1987).
2. Substantivos alienáveis (opcionalmente possuídos para Hall et al. op. cit).
3. Substantivos que não podem ser possuídos. (estes serão analisados no item B)

1. Substantivos inalienáveis.

Os substantivos dessa classe aparecem obrigatoriamente marcados pelo possuidor, que indica a pessoa gramatical (*i*-1^a pess. sing.) *ai*- 2^a pess. sing.; *wa*- 1^a pess. pl. ou dual e *da*- 3^a pess. coletiva ou honorífica.

Referem-se a:

1.1. Partes do corpo

(2) ⁴ * <i>bdu</i>	‘pescoço’
(4) * <i>di</i>	‘barriga’
(12) * <i>hikrãiti</i>	‘joelho’
(18) * <i>krã</i>	‘cabeça’
(26) * <i>kwanõkw</i>	‘rosto’
(25) * <i>kwa</i>	‘dente’

⁴ – Indica o número de entrada no corpus.

(33) * nōito	‘língua’
(31) * nnse	‘ombro’
(36) * pa	‘fígado’
(37) * paze	‘bílis, fel’
(38) * pke	‘coração’
(40) * prá	‘pé’
(51) * sdawa	‘boca’
(55) * sri	‘rim’
(67) * to	‘olho’
(70) * wapu	‘pulmão’
(77) * za	‘perna’
(79) * zai	‘cabelo’

Para marcar o possuidor, obrigatoriamente, há um elemento prefixado como no exemplo: *aibdu* ‘seu pescoço’ ou *daprá* ‘pé de alguém, humano’.

1.2. Relações familiares.

(3) * <i>datkā</i>	‘mãe’
(16) * <i>kra</i>	‘filho’
(19) * <i>krda</i>	‘vô, vó’
(27) * <i>mmã</i>	‘pai’
(28) * <i>mrõ</i>	‘cônjuge’

(29) * nihrdu	‘neta’
(34) * nōrê	‘irmão mais novo do pai’
(39) * pnã	‘irmã mais nova da mulher’
(80)* zakmō	‘genro’

Atribuindo a posse teríamos: *idatkã* ‘minha mãe’, *aimmã* ‘seu pai’
ou ainda *dakra* ‘filho de alguém’.

1.3. Outros

(1) * bâ	‘cauda’
(8) * hâi pku	‘ferida, ferimento’
(9) * hâi waku	‘leite’
(21) * kburō	‘inchaço’
(13) * kka	‘tosse’
(24) * kumrê	‘primeiro, mais velho’
(35) * nrōwa	‘lar’
(30) * nirnã	‘flor’
(32) * nisdu	‘ponta’
(54) * siwaike	‘amigo, amiga’
(78) * zâ	‘semente’

Do mesmo modo: *dahãi waku* ‘leite de alguém, humano’, *aikka* ‘sua tosse’. Aos substantivos que se referem a elementos não-humanos teríamos: *romzâ*⁵ ‘semente de alguma coisa’.

2. Substantivos alienáveis (opcionalmente possuídos)

Substantivos desta classe, quando possuídos, são prefixados com os mesmos indicadores da pessoa da posse, usadas com os substantivos inalienáveis, mas são seguidos pelo morfema *nim-*.

Segundo Krieger e Krieger (1994), o morfema (para eles partícula) que indica posse é *-sim* (com a variante *nim-*) e dispensa o pronome marcador da posse (*i* , *ai* ou *wa*) como no exemplo: *sim ktâprezu*⁶ ‘dinheiro dele’. Exemplo com *nim* indicaria *ação realizada por alguém*: *inmi*⁷ *kuikre* ‘a minha escrita’.

Os dados do nosso *corpus* apresentam as formas: (52a) *i nimsika*⁸ ‘minha galinha’, (35) *inim rōwa* ‘minha casa’.

Esta classe de substantivo, portanto, não se liga ao pronome indicador da pessoa da posse sem o morfema *nim-*. Assim para dizer ‘meu caderno’ em Xerente, será (10) *inimhêsuka e não ihêsuka*, como no caso dos SI: *i kra* (*i-kra*) ‘meu filho’. Glosando os dados teríamos:

(52a) *inimsika* ‘minha galinha’ (i- ‘1’ + *nim-* ‘MP’ + *sika* ‘galinha’)

(35) *inimrōwa* ‘minha casa’ (i- ‘1’ + *nim-* ‘MP’ + *rōwa* ‘casa’)

⁵ – O morfema *rom-*, receberá uma análise mais precisa nas páginas seguintes.

⁶ - krieger e Krieger op. cit. p. 43

⁷ - idem p. 28 (Outra variante?)

⁸ - Dados fornecidos por Domingos Simmã Xerente.

(10) inimhêsuka ‘meu caderno’ (i- ‘1’ + nim- ‘MP’ + hêsuka ‘caderno’)

(94) simktâprezu ‘dinheiro dele’ (sim-‘MP’ ‘3’ + ktâprezu ‘dinheiro’)

No Xavante, há segundo Hall et al. (1987), -nhim- indicando “posse com substantivos da classe 2” e, para indicar “ação realizada por (alguém, “há -nhimi-”, como nos exemplos a seguir; respectivamente: *Inhib’ri* “minha casa”, *Wanhimi’ui éré* “aquilo que é escrito por nós”.

B) A Estrutura do Substantivo Xerente

Hall et al. (op. cit., p. 432 – 437) apresentam uma relação de dezessete afixos para o Xavante, dos quais selecionamos os que ocorrem em substantivos e que são os seguintes:

da-

“alguém, pessoas, povo, gente, eles, elas, coisas”.

Da ‘ ahõ di “há muita gente”

-dzé (c):

“sufixado ao verbo indica instrumento, lugar ou tempo”

wamrodzé “vassoura”

(lit. objeto usado para varrer)

iwaptã ’ ãdzé “lugar onde nasci/época do meu nascimento”

i - :

“seu, sua (dele, dela)”

imama “o pai dele”

-nhim- (kb; c):

“indica posse com substantivos da classe 2”

inhib ‘ ri “minha casa”

-nhimi – (Jb):

“indica ação realizada por (alguém)”

wanhimi ‘ ui ‘ éré “aquilo que é escrito por nós”

rom- (c) :

“objeto indefinido”

te rob ‘ madõ “ele olha alguma coisa”

-‘ wa (b) :

“indica o agente da ação”

romhuri ‘ wa “trabalhador/servente/funcionário”

(lit. alguém que trabalha, faz serviço)

wa – (waa):

“nosso, nossa, nos, nós”

wamama “nosso pai”

ma tô wadzabu “ele nos viu”

ma tô wama titsõ “ele deu para nós”

No Xerente, encontramos a seguinte situação em relação aos afixos.

1. Quando ocupam a posição prefixada indicam objeto indefinido (a) e posse (b).

a) Os nossos dados indicam que a forma rom – tem função de determinante, se liga à raiz definindo ou indefinindo como nos dados a seguir:

- (43) romhã ‘a casca’ (rom – ‘DT’ + hã ‘casa’)
- (48) romwa ‘a banha’
- (45) romkrã kroidi ‘a fruta está podre’ (rom- ‘DT’ + krã ‘fruta’...)
- (50) romzazu ‘o pó, algum pó’ (rom- ‘DT’ + zazu ‘pó’)
- (49) romzâ ‘semente’
- (47) romkwa ‘espinho’

Esses dados apontam para algumas questões: desses elementos listados como raiz (hã, krã, zazu, zâ), quais funcionam como forma livre e quais só aparecem como forma presa?

Os exemplos (43) rom- hã, (49) rom- zâ, (47) rom- kwa não aparecem como forma livre como os demais, entretanto essas formas (hã, zâ, kwa) sem o prefixo rom- são substantivos da classe dos inalienáveis, assim só aparecem com o MP, já descrito neste trabalho.

O exemplo zazu (em (50) romzazu) aparece como forma livre, e significa ‘pó’. Isto parece evidenciar que a forma rom- tem função de determinante prefixado, definindo ou indefinindo.

A forma (45) romkrã apresenta-se como um contra – exemplo, uma vez que a raiz krã ‘fruto’ não aparece na forma livre, mas ocorre em elementos compostos como: (72) wdê krã ‘jenipapo’ , (75) wdê krãi po ‘manga’, (76) wdê krãi po pre ‘manga rosa’.

Resta a forma (48) romwa ‘a banha’, cuja raiz não aparece em outros exemplos.

b) A análise da expressão de posse já foi tratada anteriormente neste trabalho, no item A deste capítulo, motivo pelo qual não a apresentamos pormenorizadamente aqui.

Os morfemas marcadores da posse ocupam a posição prefixada às raízes dos SI e dos SA, conforme já demonstrado.

2. Quando ocupam a posição sufixada indicam grau, diminutivo e aumentativo (a) e nominalização (b).

a) Os morfemas indicadores de grau diminutivo e aumentativo, são sufixados à raiz como nos dados:

(57) tarê	‘menina’
(57a) tarerê	‘menininha’ (tarê ‘menina’ + -rê ‘DIM’)
(68) turê	‘menino’
(68a) turerê	‘menininho’ (turê ‘menino’ + -rê ‘DIM’)
(42) psano	‘gato’
(42a) psanorê	‘gatinho’ (psano ‘gato’ + -rê ‘DIM’)
(20) kuba	‘barco’
(20a) kubarê	‘barquinho’ (kuba ‘barco’ + -rê ‘DIM’)
(22) kukã	‘tartaruga’
(17) kriare	‘casa grande’ (kri (a) ‘casa’ + -re ‘AUM’)
(72) wdê awre	‘árvore grande’ (wdê ‘árvore’ + awre ‘MOD’)

(22a) kukairê ‘jabuti pequeno’ (kuka (i)⁹ ‘tartaruga’ + -rê ‘DIM’)

(22b) kukaire ‘jabauti grande’ (kuka (i) ‘tartaruga’ + -re ‘AUM’)

A distinção entre o tamanho pequeno e o grande é feita, por assim dizer, pela alternância vocálica ou seja, rê- (e fechado) para diminutivo; re- (e aberto) para aumentativo. Parece haver todavia, uma preferência para o uso do próprio modificador (MOD) awre (sawre, zawre) ‘grande’ como nos exemplos (72) wdê awre ‘árvore grande’ e (69) turê heptozawre ‘menino gordo’ do nosso *corpus*.

b) A língua Xerente possui o nominalizador -ze. Hall et al. (1987) reconhecem o nominalizador -dzé para o Xavante que *suffixado ao verbo indica instrumento, lugar ou tempo*.

Em Xerente, temos os seguintes dados:

(83) dkã ‘morrer’

(83a) dkãze ‘morte’ (dkã ‘morrer’ + -ze ‘NOM’)

(87) hêmba ‘existir’

(87a) hêmbaze ‘existência’ (hêmba ‘existir’ + -ze ‘NOM’)

(90) kake ‘cortar, serrar’

(90a) kakeze ‘qualquer instrumento que corta’ (kake ‘qualquer instrumento que corta’ + -ze ‘NOM’)

(101) simãza ‘relatar, mentir’

(101a) samãzaze ‘relato’ (samãza ‘relatar’ + -ze ‘NOM’)

(102) sōkrêptu ‘viver’

⁹ – Queda do (i) final esse aspecto será descrito em outro item.

(102a) sōkrêptuze ‘vida’ (sōkrêptu ‘viver’ + -ze ‘NOM’)

(103) sdapre ‘amaldiçoar’

(103a) sdapreze ‘maldição’ (sdapre ‘amaldiçoar’ + -ze ‘NOM’)

(105) watbro ‘sair’

(105a) watbroze ‘saída’ (watbro ‘sair’ + -ze ‘NOM’)

O afixo -ze, em Xerente, sufixado ao verbo forma substantivos com significados variados, instrumentos (cf. (90a) acima) lugar (cf. 105a) acima) e nome de ação (cf. (101a) acima).

Na língua Xerente, há também, um morfema -kwa, que sufixado ao verbo indica o agente (AG) da ação. Na língua Xavante o sufixo correspondente é -wa, como no exemplo: romhuriwa “trabalhador, servente, funcionário”.

O que se verifica em Xerente:

(86) duri ‘carregar’

(86a) durikwa ‘carregador’ (duri ‘carregar’ + -kwa ‘AG’)

(88) hêmzu ‘roubar’

(88a) hêmzuikwa ‘ladrão’ (hêmzui) ‘roubar’ + -kwa ‘AG’)

(91) kburõ ‘ajuntar’

(91a) kburõkwa ‘ajuntador’ (kburõ ‘ajuntar’ + -kwa ‘AG’)

(92) kwikre ‘escrever’

(92a) kwikreze ‘escrita’ (kwikre ‘escrever’ + -ze ‘NOM’)

(92b) kwikrekwa ‘escritor’ (kwikre ‘escrever’ + -kwa ‘AG’)

(93) kune ‘destruir’

(93a) kunekwa	‘destruidor’ (kune ‘destruir’ + -kwa ‘AG’)
(96) psê	‘melhorar, tornar bom’
(96a) psêkwa	‘consertar’ (psê ‘melhorar’ + -kwa (‘AG’))
(97) roko	‘acender’
(97a) rokokwa	‘acendedor, (roko ‘acender’ + -kwa (‘AG’))
(99) rowahutu	‘ensinar’
(99a) rowahdu/rowahtuze	‘ensinamento’
(99b) rowahtukwa	‘ensinador, professor’
(100) sasar/sasari	‘caçar’
(100a) sasarkwa	‘caçador’ (sasar ‘caçar’ + -kwa (‘AG’))

3. Não obstante não esteja diretamente ligado à estrutura do substantivo Xerente, consideramos interessante demonstrar certas modificações fonéticas, mais especificamente processos morfofonêmicos que ocorrem no Xerente.

a) Alternância vocálica /ãi/~/ê/ ou /êi/

(5)hãiswa / hêwa	‘céu’
(6)hãisu / hêsu	‘palha’
(7)hã kreze / hê kreze	‘revelação’
(9)* hã waku / hê waku	‘leite’

b) Queda do /i/ final.

(62) tka	‘terra’
(63) tkaj̄ kune	‘terra ruim’
(64) tkaj̄ pê	‘terra boa’
(65) tkaj̄ tmōrã	‘areia’
(66) tkaj̄ zazu	‘poeira’
(71) wdê	‘árvore’
(72) wdê krã	‘jenipapo’
(73) wdê krãi kuze	‘laranjeira’
(74) wde krãi po	‘manga’
(75) wde kãi po pre	‘manga rosa’

Como podemos perceber, esse -ī parece cair antes de pausa

c) Alternância /b/~p/, /d~/t/.

(58) tbê	‘peixe’
(59) tpêkarê	‘piabinha’
(60) tpêbã pre	‘arraia – de – fogo’
(1) aikde / aikte	‘criança’
(99) rowahutu	‘ensinar’
(99a) rowahdu / rowahtuze	‘ensinamento’

Como os dados apresentados no item c, essa alternância consonantal parece ser condicionada em alguns casos (cf. (59) e (60) acima),

em que o substantivo com a consoante sonora é uma forma simples, mas não em outras (cf.(1) e (99a) acima).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, descrevemos e analisamos alguns aspectos do substantivo Xerente, especificamente aspectos relacionados à expressão de posse e à estrutura do substantivo destacando a função dos seus prefixos e sufixos.

A expressão de posse é marcada nos substantivos inalienáveis, ou seja, é obrigatória a marcação da pessoa detentora da posse. Esses substantivos compreendem, principalmente, os substantivos referentes a partes do corpo (humano ou não), a relações familiares (natas ou adquiridas), e a outras relações variadas, sejam relações por compra ou adquiridas por qualquer situação.

A língua Xerente apresenta, portanto, a posse inalienável, marcada também em outras línguas do tronco lingüístico Macro-Jê (Xavante, Krahô, Bororo). Essa posse é automaticamente marcada pelos pronomes indicadores do possuidor (i- ‘1’; ai- ‘2’; da- ‘3’, wa- ‘1pl’), prefixados à raiz do substantivo.

Há, ainda, a ocorrência da posse alienável, opcionalmente possuída, que se faz pela prefixação dos pronomes citados ao elemento nim- sim- , que por sua vez se liga à raiz.

Para o Xavante, Hall et al. (1987), reconhecem os afixos -nhim- e -nhimi-, que prefixados à raiz dos substantivos alienáveis (opcionalmente

possuídos para esses autores) determinam a posse e o agente da ação realizada, respectivamente.

Quanto a outros aspectos da estrutura do substantivo Xerente, pudemos constatar que a indicação de tamanho, grande ou pequeno, é feita pelos sufixos -re (timbre aberto) e -rê (timbre fechado), se bem que parece haver uma preferência, no caso do aumentativo, pelo uso do modificador (awre) em vez de sufixo (-re), fato que não é mencionado por Hall et al. op. cit. para o Xavante.

Na língua Xerente, a nominalização se faz pelo sufixo -ze, que, afixado a raízes verbais, pode indicar lugar, instrumento ou próprio nome da ação. Semelhantemente ao Xerente, no Xavante ocorre a nominalização de raízes verbais pelo sufixo -dzé.

Outro aspecto abordado neste trabalho refere-se ao afixo -kwa, que sufixado a raízes verbais, forma substantivos agentes de ação. O correspondente desse sufixo em Xavante, é o morfema -‘wa, com a mesma função de nominalizador, indicando o agente da ação.

Como se vê, as considerações em torno do morfema rom- não foram apresentadas ainda neste trabalho, propositadamente, uma vez que tendo deixado dúvidas a respeito de sua função na língua, optamos por concluir esta parte elaborando uma hipótese concernente à estrutura do substantivo modificado por esse morfema. No Xavante, ocorre rom- para indicar objeto indefinido. Os nossos dados analisados neste trabalho não apontam nessa direção. Em Xerente a forma rom- prefixada a uma raiz livre ou presa, parece funcionar como um determinante: romhã ‘a casca’, romwa ‘a banha’, romzazu ‘algum pó’, romkra ‘a fruta’, definindo ou indefinindo.

A análise dos dados romzâ ‘semente’ e romkwa ‘espinho’, parece levar à hipótese de que a forma rom- se fundiu a essas raízes formando um todo.

É interessante observar que essa dúvida pode refletir-se também na escrita, parece não haver ainda uma forma consolidada para substantivos com esse morfema, ou sua utilização gráfica dependa ainda de maiores investigações para consolidação de uma forma.

No anexo A deste trabalho, Krieger e Krieger (1994) mencionam muitos fenômenos interessantes que embora não estivessem no objetivo deste estudo, chamaram nossa atenção para possíveis investigações futuras. Entre esses fenômenos, consideramos oportuno salientar os seguintes: a pronúncia ligeiramente aspirada das consoantes /p/, /t/ e /k/, mesmo sem valor distintivo; a perda do /h/ em certos contextos, pelos os mais jovens; o deslocamento da tonicidade para penúltima sílaba (em Xerente a sílaba tônica é a última) com a conseqüente perda do último segmento vocálico, em contextos narrativos.

São aspectos interessantes que merecem um estudo, mas devido às limitações impostas a nós e mesmo por este trabalho ter seu objetivo voltado para aspectos de natureza morfológica, não foi possível realizar tal estudo, entretanto esses fenômenos fazem parte de nossas intenções para realização de pesquisas futuras.

Embora conscientes das limitações deste trabalho, esperamos que ele possa oferecer alguma contribuição aos estudos do Xerente, como língua materna de um povo minoritário, que ilhado pelos domínios da língua portuguesa, tem mantido sua identidade étnica pelo interesse crescente em preservar as situações de uso de sua língua indígena. Mesmo reconhecendo a importância da língua portuguesa como língua majoritária, os Xerente da aldeia Vão Grande têm reservado à língua materna o espaço da intimidade, das crenças, dos costumes e das relações afetivas.

Não avaliamos com exatidão as dimensões que um trabalho desta natureza, descritivo, pode atingir em termos de benefício ao processo de aquisição do Xerente como primeira língua para a alfabetização. Acreditamos,

no entanto, na importância dos estudos e pesquisas sobre as línguas brasileiras para o conhecimento e preservação da cultura desses povos minoritários.

Acreditamos também que este estudo poderá auxiliar os professores Xerente na sua prática diária no que concerne ao ensino da escrita e especialmente à grafia da língua Xerente, uma vez que, durante nossos encontros as maiores indagações desses professores estavam relacionadas à grafia e a questões de natureza morfológica e mesmo relacionadas ao valor dos afixos na formação dos termos.

Estamos conscientes, no entanto, de que este estudo oferece uma contribuição pequena, haja vista a dimensão de fatores envolvidos no processo de ensino de uma língua, seja materna ou não.

É nessa direção que orientamos nossos estudos, de maneira prática, para que o trabalho final possa ser utilizado de alguma forma, pelos professores Xerente, seja nos primeiros passos na aquisição da língua materna escrita, seja em etapas posteriores à alfabetização, mas sempre voltado para o cotidiano escolar, para a realidade imediata da escola indígena, pois todo conhecimento sobre uma língua, mesmo apenas descritivo, pode ser utilizado como subsídio no ensino dessa língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980. 128 p.

_____ Teoria lexical, 7 ed. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 356 p.

BRAGGIO, S. L. B. Situação sociolingüística dos povos indígenas do Estado de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, v.1, n.1, p.1 - 61, jan./dez. 1992.

_____ Contato entre línguas: subsídios para a educação escolar indígena. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, v. 2, n. 1, p. 121-133. Jan. / dez. 1998.

_____ A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, v. 3/4, n. 1, p. 19-41. Jan./dez. 1999/2000.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 124 p.

CAVALCANTE, M. P. *Fonologia e Morfologia do Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. 1987. Tese (Doutorado) INICAMP, Campinas. (mimeo)

_____, M. P. Fonologia do Karajá. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, v.1, n.1, p. 63-74, jan./dez. 1992.

CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 275 p.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998. 653 p.

DUARTE, S. *Formação de palavras: gramática tradicional, estruturalismo e gerativo-transformativo*. 1999. 154f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia (mimeo).

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998. 653 p.

ELSON, B. & PICKETT, V. *Introdução à morfologia e a sintaxe*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1973. P. 17-71.

FARIAS, A. J. T. D. *Fluxos Sociais Xerente: organização social e dinâmica das relações entre as aldeias*. 1990. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo. (mimeo).

GRILLO, S. M. G. *A aquisição da escrita e diversidade cultural: a prática dos professores Xerente*. 1996. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília. Mimeo.

HALL, J.; McLEOD, R.; MITCHELL, V. *Pequeno Dicionário Xavante-Português, Português-Xavante*. Brasília: Multset, 1987. 491 p.

KRIEGER, W. B. & KRIEGER, G. C. *Dicionário escolar Xerente-Português, Português-Xerente*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1994. 118 p.

LEE, S-H. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. 1995. 190f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Estadual de Campinas. Campinas. (mimeo).

MATTOS, R. Fonêmica Xerente. *Série Lingüística*, Brasília n. 1, p. 79 – 100, 1973.

MELIÁ, B. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1979. 91p.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 3 ed. Campinas: Pontes, 1991. 218p.

NICHOLS, J. On alienable and inalienable possession. In: *In honor of Mary Haas-New York*: Willian Shipley, 1988. p. 557-609.

NIDA, E. *Morphology: the descriptive analysis of words*. Ann arbor: University of Michigan Press, 1949.

PIMENTEL DA SILVA, M. do S. A educação na revitalização da língua e da cultura Karajá na aldeia Buri dina. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, V. 3/4, n.1, p.65 – 74. Jan./dez. 1999/2000.

_____. *A situação sociolingüística dos Karajá de Santa Isabel do Morro e Fontoura*. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001. 145p.

RAMOS, A. R. *Sociedades indígenas*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1995. 96 p.

RIBEIRO, B. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização*. Petrópolis: Vozes. 1986.

RIBEIRO, E. R. *Morfologia do verbo Karajá*. 1996. 60 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia. (Mimeo).

_____. *O marcador de posse alienável em Kariri: um morfema Macro-Jê revisitado*: 2002 (mimeo).

ROCHA, L. M. *O Estado e os índios: Goiás 1850 a 1889*. Goiânia: UFG, 1998. 127p.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas Morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 247p.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1994. 134p.

ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000. 156p.

SANTADE, M. S. B. *Gramaticalidade*. Campinas: Alínea, 2001. 174p.

SEKI, Lucy (org.). *Lingüística indígena e Educação na América Latina*. Campinas: UNICAMP, 1993. 408p.

SILVA, M. C. P. de S. & ROCHA, I. V. *Lingüística aplicada ao português: Morfologia*. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2000. 72p.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001. 261p.

SOUZA FILHO, S. M. de. *Um estudo etnográfico sobre a aquisição de língua portuguesa oral em uma comunidade Xerente*. 2000. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia. (mimeo.)

WIESEMANN, U. & MATTOS, R. *Metodologia de análise gramatical*. Petrópolis: Vozes, 1976.

ZANOTTO, N. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 3 ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986. 92p.

ANEXOS

ANEXO A

GRAFIA E PRONÚNCIA DA LÍNGUA XERENTE

Fonte: Krieger, W. B. e Krieger, C. K. (orgs.)

Dicionário Escolar: Xerente - Português; Português – Xerente. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

Partindo da análise fonêmica feita por Rinaldo de Mattos e publicada pelo Instituto Lingüístico de Verão (Série Lingüística, n.º 1,1973), procurou-se criar para o idioma Xerente um alfabeto prático mais simples possível, sem todavia abandonar a premissa de se ter para cada som um símbolo e para cada símbolo um som.

Para o estabelecimento do presente alfabeto, exaustivo testes foram realizados durante vários anos em salas de aula, bem como com leitores individuais.

O alfabeto prático se compõem de doze consoantes, nove vogais orais e cinco nasalizadas;

Consoantes: b, d, h, k, m, n, p, r, s, t, w, z;

Vogais orais: a, â, e, ê, i, o, ô, u, û;

Vogais nasais: ã, e, i, õ, u;

A pronúncia das consoantes **b, d, m, n, p, t**, das vogais orais **a, i, u**, e de todas as nasais é semelhantes aos sons representados pelos mesmos símbolos em Português.

A respeito das consoantes e vogais restantes observa-se:

h – é consoante oral, contínua, global surda, de pronúncia semelhante ao /h/ de “horse” em inglês;

- k – é consoante oral, oclusiva, velar, surda, semelhante ao /k/ da palavra “kaiser” em alemão;
- r – é consoante oral, vibrante, alveolar retroflexa, sonora branda, semelhante ao /r/ da palavra “barata” em português;
- s – é consoante oral, contínua, surda alveolar retroflexa. Para pronunciá-la deve-se proceder como para pronunciar o /s/ da palavra “sapo” tendo-se, porém, o cuidado de levar a ponta da língua para uma posição posterior mediante ligeira retroflexão, o que resultará num som entre o /s/ e /ch/ do Português;
- w – é consoante oral, contínua, sonora, labial, com pronúncia semelhante ao /w/ da palavra “water” em inglês;
- z – é consoante oral, contínua, sonora, alveolar, retroflexa. Para pronunciá-la deve-se proceder como para pronunciar o /z/ da palavra “zebra” tendo-se, porém, o cuidado de levar a ponta da língua para uma posição posterior mediante retroflexão, o que resultará num som intermediário entre o /z/ e o /j/ do português;
- â – é vogal sonora, central-posterior, média, pronunciada com os lábios não arredondados, mais alta que o /a/ e não tem som correspondente em português. Pode-se conseguir uma aproximação pronunciando-se um ô sem arredondar os lábios;
- e – semelhante ao /é/ em “café”;
- ê – semelhante ao /ê/ em “vê”;
- Esta vogal apresenta uma variante [ɛ̃] que segue r;
- o – semelhante ao /ó/ em “avó”;
- ô – semelhante ao /ô/ em “avô”;
- û – vogal sonora central, alta, fechada, pronunciada com os lábios não arredondados. Não tem som correspondente em Português.

Para uma aproximação procura-se pronunciar um **u** sem, no entanto, arredondar os lábios

O ouvinte atento perceberá na pronúncia das consoantes /p/, /t/, e /k/, pelos nativos, variantes ligeiramente aspiradas [p^h], [t^h], [k^h], de ocorrência determinada, porém sem maior significado na comunicação.

Também se observa uma variante sonora [g] da velar /k/ a qual ocorre em flutuação com /k/ seguindo /i/.

Exemplo: /kuikre/ - [kriɡre]

Uma transição vocálica sonora de qualidade central [], ocorre entre consoantes sonoras da mesma sílaba ou quando uma das consoantes da mesma sílaba é sonora e outra surda.

Nota-se por parte dos falantes mais jovens, em certos contextos, uma perda do /h/.

Exemplo: dazahi [da.za.hi] – dazai [da.za.i] s. cabelo

Outrossim, está sendo abandonado pelos de menos idade o /r/ da partícula **kr**, indicadora de aspecto habitual da ação.

Exemplo: krwapar – kwapar v. ouvir

Convém ressaltar que /m/ e /n/, na grafia Xerente, valem sempre como consoantes, não sendo utilizados para indicar a nasalização de vogais precedentes.

Nasalização: As vogais nasalizadas, são sempre marcadas com til. Nos ditongos em que as duas vogais são nasalizadas, o til sobre a primeira vale para as duas.

Exemplo: tã – s. chuva

Sõite – s. arara

Prosódia: A sílaba tônica em Xerente é a última da palavra. Todavia, no discurso narrativo, observa-se em certos ambientes o

deslocamento da tonicidade para a penúltima sílaba com a conseqüente perda da última vogal.

Exemplo: nômro – nômr – v. deitar

Essa mudança ocorre quando as vogais das duas últimas sílabas do vocábulo são idênticas ou quando a última sílaba é terminada pelo segmento vocálico /i/.

Exemplo: wara – war – correr

Wadupari – wadupar – roçar

ANEXO B

Corpus

I. Dados fornecidos pelos informantes.

N.º	termo em Xerente	tradução
(1)	aikde / aikte	‘criança’
(2)	bdu	‘pescoço’
(3)	*datkã	‘mãe’
(4)	*di	‘barriga’
(5)	hâiwa / hêwa	‘céu’
(6)	hâisu / hêsu	‘palha’
(7)	hai kreze / hei kreze	‘revelação’
(8)	* hai pku	‘ferida, ferimento’
(9)	* hãï waku / hê waku	‘leite’
(10)	hêsuka	‘caderno’
(11)	hêsuka kmã tpê karê	‘caderno com piabinha’
(12)	* hïkrãiti	‘joelho’
(12a)	* hïkrãiti nmirê	‘joelho direito’
(12b)	* hïkrãiti nmikê	‘joelho esquerdo’
(13)	* kka	‘tosse’

(14)	krāiwatbroze / krewatbroze	‘aparecimento’
(15)	krāiwaze / krewaze	‘regresso, volta’
(16)	* kra	‘filho’
(17)	kriare	‘casa grande’
(18)	* krã	‘cabeça’
(19)	* krda	‘vô, vó’
(20)	kuba	‘barco’
(20a)	kubarê	‘barquinho’
(21)	kburõ	‘inchaço’
(22)	kukã	‘tartaruga’
(22a)	kukãirê	‘jabuti pequeno’ (timbre fechado)
(22b)	kukãire	‘jabuti grande’ (timbre aberto)
(22c)	kukãi kre	‘ovo de tartaruga’
(23)	kuikreze	‘escrita’
(23a)	inim kuikreze	‘a minha escrita’
(24)	* kumrê	‘primeiro, mais velho’
(25)	* kwa	‘dente’
(25a)	hêmõhã * wa	‘dente superior’
(25b)	pikrêbba hawi * kwa	‘dente inferior’
(26)	* kwanõku	‘rosto’
(27)	* mmã	‘pai’

(28)	* mrõ	‘cônjuge’
(29)	* nihrdu	‘neta’
(30)	* nirnã	‘flor’
(31)	* nnse	‘ombro’
(31a)	* nnse nmirê	‘ombro direito’
(31b)	* nnse nmikê	‘ombro esquerdo’
(32)	* nisdu	‘ponta’
(33)	* nõito	‘língua’
(34)	* nõrê	‘irmão mais velho do pai’
(35)	* nrõwa	‘lar, casa’
(36)	* pa	‘fígado’
(37)	* paze	‘bílis, fel’
(38)	* pke	‘coração’
(39)	* pnã	‘irmã mais nova da mulher’
(40)	* prá	‘pé’
(41)	* prumrê	‘pedacinho’
(42)	psano	‘gato’
(42a)	psanorê	‘gatinho’
(43)	romhã	‘a casca’
(44)	romhêsk	‘besouro’
(44a)	romhêskurê	‘besourinho’

(45)	romkrã kroidi	‘a fruta está podre’
(46)	romnirnã rãdi	‘a flor é branca’
(47)	romkwa	‘espinho’
(48)	romwa	‘a banha’
(49)	romzâ	‘semente’
(50)	romzazu	‘o pó, algum pó’
(51)	* sdawa	‘boca’
(52)	sika	‘galinha’
(52a)	inimsika	‘minha galinha’
(53)	sikuza	‘roupa’
(53a)	inimsikuza	‘minha roupa’
(54)	* siwaike	‘amigo, amiga’
(55)	* sri	‘rim’
(56)	stukrãi pre / stukrê pre	‘pica-pau-da-cabeça-vermelha’
(57)	tarê	‘menina’
(57a)	tarerê	‘menininha’
(58)	tbê	‘peixe’
(59)	tpêkarê	‘piabinha’
(60)	tpêbâ pre	‘arraia-de-fogo’
(61)	* tdêkwa	‘dono’
(62)	tka	‘terra’

(63)	tkai kune	‘terra ruim’
(64)	tkai pê	‘terra boa’
(65)	tkai tmõrã	‘areia’
(66)	tkai zazu	‘poeira’
(67)	* to	‘olho’
(68)	turê	‘menino’
(68a)	turerê	‘menininho’
(69)	turê heptozawre	‘menino gordo’
(70)	* wapu	‘pulmão’
(71)	wdê	‘árvore’
(72)	wdê awre	‘árvore grande’
(73)	wdê krã	‘jenipapo’
(74)	wdê krãi kuze	‘laranjeira’
(75)	wdê krãi po	‘manga’
(76)	wdê krãi po pre	‘manga rosa’
(77)	* za	‘perna’
(77a)	* za nimirê	‘perna direita’
(77b)	* za nimikê	‘perna esquerda’
(78)	* zã	‘semente’
(79)	* zai	‘cabelo’
(80)	* zakmô	‘genro’

- Trecho extraído de um texto do prof. Edimilson Kummkwê Xerente.

(81) Toka hâre top aitoit waka dure itoiti

‘você está alegre, eu também estou alegre’

- História escrita pelos professores: Gildilene, Laura, João e Joana, todos de etnia Xerente.

(82) Pikō kâto wamrôze

- wamroze waza aikâ inim warri

ite kmã wamroda, rowaste zawre-di.

‘Mulher índia e a Vassoura’

‘Vassoura, vou lhe pegar para mim

varrer esse terreiro, porque está sujo’.

Wamrôze

- anzê! nem izam pibuma ipsê kōdi

watô za isiwawe ipra izam kōdi.

‘Vassoura’

‘-Há dona! Eu não vou mais prestar

nem para ficar de pé já vou ficar mole

de tão velha’.

Wamrôze

- nhanewap ikamô ipsê ne há kme

kâr kōd. Wa isiwaprasirê it kmã kahos kōdi

sisnâkrêmrê isiwaktukrnã.

‘Vassoura’

‘- *Por que não vai comprar outra vassoura dona! Porque eu sozinha não dou conta de trabalhar os dias todos e toda hora fico suja, não passa dois dias de folga*’.

Pikõ

- Taneknã wat aikã tare it aikâr
kõdi tô ite kmã wamrõi pibuma wat aikã.

‘Mulher’

‘- *Deixe de tolice, comprei você para ser usada, não lhe peguei de graça, foi realmente pagado*’.

II. Dados retirados do Dicionário de Krieger e Krieger. (Nesta listagem são registradas à frente da tradução do Termo Xerente, as páginas onde os dados podem ser encontrados.

(83)	dkã	‘morrer’	(p. 9)
(83a)	dkãze	‘morte’	
(84)	du	‘capim’	(p.67 e 95)
(85)	duikwa	‘sapé’	
(86)	duri	‘carregar’	(p. 9)
(86a)	durkwa	‘carregador’	
(86b)	durze	‘instrumento para carregar algo’	

(87)	hêmba	‘existir’	(p. 11)
(87a)	hêmbaze	‘existência’	
(88)	hêmzu	‘roubar’	(p. 11)
(88a)	hêmzuikwa	‘ladrão’	
(90)	kake	‘cortar, serrar’	(p. 13)
(90a)	kakeze	‘qualquer instrumento que corta’	
(91)	kburõ	‘ajuntar’	(p. 15)
(91a)	kburõikwa	‘ajuntador’	
(92)	kuikre	‘escrever’	(p. 22)
(92a)	kuikreze	‘escrita’	
(92b)	kuikrekwa	‘escritor’	
(93)	kune	‘destruir’	(p. 23)
(93a)	kunekwa	‘destruidor’	
(94)	ktãprezu	‘dinheiro’	(p. 43)
(95)	prke	‘açoitar, bater’	(p. 33)
(95a)	prkeze	‘açoite, chicote’	
(96)	psê	‘melhorar, tornar bom’	(p. 33)
(96a)	psêkwa	‘consertador’	
(97)	roko	‘acender’	(p. 59)
(97a)	rkokwa	‘acendedor’	
(97b)	rkoze	‘aquilo que acende’	

(98)	romwasku	‘notícia’	(p. 35)
(98a)	romwaskukwa	‘arouto, proclamador, da notícia’	
(99)	rowahutu	‘ensinar’	(p. 35)
(99a)	rowahdu / rowahtuze	‘ensinamento’	
(99b)	rowahtukwa	‘ensinador, professor’	
(99c)	rowahtuze	‘lugar de ensino’	
(100)	sasar / sasari	‘caçar’	(p. 37)
(100a)	sasarkwa	‘caçador’	
(101)	simãza	‘relatar, mentir’	
(101a)	simãzaze	‘relato’	
(102)	sōkrêptu	‘viver’	(p. 10)
(102a)	sōkrêptuize	‘vida’	
(103)	sdapre	‘amaldiçoar’	(p. 61)
(103a)	sdapreze	‘maldição’	
(104)	stomã	‘tampar’	(p. 46)
(104a)	stomze	‘tampa’	
(105)	watbro	‘sair’	(p. 95)
(105a)	watbroze	‘saída’	